

“BOA-NOITE, PROFESSOR”: O BURGUEÊS COMUNISTA DE ENEIDA DE MORAES

Laura Mitsuko Tanaka¹
Maria Carolina De Godoy²

Resumo: O presente artigo é resultado dos estudos desenvolvidos nas aulas e nas orientações do Módulo, disciplina correspondente ao primeiro ano do curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina, e foi elaborado a partir das reflexões em torno do tema identidade e literatura. Após a leitura dos textos “Identidade e diferença” de Tomaz Tadeu da Silva (2005) e “A literatura” de Antoine Compagnon (2003), foi desenvolvido o estudo do conto “Boa-noite, Professor” de Eneida de Moraes. Ela foi militante do Partido Comunista a partir dos anos de 1930 até o final de sua vida nos anos de 1970 e lutou ativamente por seus ideais políticos, deixando sua contribuição literária voltada principalmente para o âmbito da crônica, uma vez que se dedicara ao trabalho jornalístico. Hoje, sua trajetória militante influencia estudos voltados para a participação política das mulheres brasileiras em épocas e espaços patriarcais e suas respectivas produções literárias. Este artigo, no intuito de destacar a atuação da jornalista em sua única publicação de livro do gênero conto, analisa o texto “Boa-noite, professor” publicado em 1965 a partir da trajetória do protagonista.

Palavras-chave: Conto; personagem; romance de formação

1. Introdução

O estudo sobre o conto “Boa-noite, professor” é resultado das orientações do Módulo III sobre “Literatura e manifestação artística”, do curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Londrina. Após a leitura do texto base “A literatura” de Antoine Compagnon (2003), a busca em reconhecer o texto literário começou pelo estudo do gênero conto, o qual culminou no encontro com a narrativa que deu origem a este trabalho. O interesse por tal conto se justifica pelo fato de que os grupos de estudo e de pesquisa sobre mulheres na literatura têm aumentado cada vez mais e, juntamente com esses estudos, tem aumentado também a pesquisa sobre a trajetória política e intelectual dessas mulheres, de modo a trazer o

1 Estudante de graduação em Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: lauram.tanak@hotmail.com

2 Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mcdegodoy@uol.com.br

reconhecimento de seus escritos nas letras nacionais como, por exemplo, a trajetória da escritora e jornalista Eneida de Vilas Boas Costa de Moraes. Sua principal produção literária está marcada no âmbito da crônica epistolar e sua trajetória retoma a atuação militante no Partido Comunista entre as décadas de 1930 a 1970. Seguindo essa linha de estudos, este artigo pretende destacar como produção de Eneida o gênero conto, por meio da narrativa “Boa-noite, professor”, penúltima publicação em livro feita em 1965 pela jornalista. A narrativa traz como protagonista professor Nicolau, personagem que lembra aparentemente os heróis burgueses do romance de formação, mas na medida em que o conflito se desenrola, Nicolau subverte tais características e se aproxima cada vez mais do lado ideológico militante.

2. O conto “Boa-Noite, Professor”

O que esperar de um conto cujo título traz como imagem um detentor do conhecimento?

O conto, que traz o mesmo título do livro, é a penúltima publicação feita em livro e em vida pela escritora, jornalista-cronista, militante do Partido Comunista entre as décadas de 1930 até 1970 no Rio de Janeiro, a paraense Eneida de Villas Boas Costa de Moraes (1903-1971) ou simplesmente Eneida como assinava seus escritos - sem o sobrenome do pai e do marido.

A narrativa tem como protagonista Nicolau, um jovem senhor que atua como professor universitário na área de Direito. O professor é aparentemente um típico burguês cujo hábito é o de caminhar à noite pela praia de Copacabana no Rio de Janeiro. Em certo dia, após sua caminhada, volta a sua casa e percebe que está sendo assaltado. Ao se deparar com o ladrão, propõe-lhe que o deixe ver aquilo o que está sendo levado, e deste modo inicia-se a partilha de bens um tanto quanto inusitada.

Narrado em terceira pessoa, o conto carrega uma forte possibilidade de análise extrínseca, esta que é a primeira impressão a marcar a leitura do texto: os vários pontos reflexivos que aparecem em função da verossimilhança com o mundo organizado social e politicamente ao lado de uma nova formação burguesa. A narrativa pede uma visão crítica do autor e do leitor, deste modo, não recorrer a interpretações que vão além dos aspectos de

organização interna da obra é, de certo modo, ignorar seu significado como um todo.

Esteticamente, a escritora trabalha os significados que compõem sua narrativa nas falas de suas personagens, transcritas em discurso direto e indireto, dispostos em parágrafos sem as marcas alusivas a um e outro discurso:

Esguio, ágil, elegante na sua pele escura, um resto de infância nos olhos, Severino pôs-se a falar da vida, difícil professor, cada vez mais difícil. Não sei como está vivendo o pobre, tudo caríssimo, um preço hoje, outro maior amanhã. Ontem dona Mariana amanheceu com dor de cabeça, pediu-me que fizesse as compras. Fiquei bobo, professor. Uma dúzia de bananas por quinhentos cruzeiros! Como pode o pobre viver? (MORAES, 2003, p.103)

Do início do fragmento até o aparecimento do nome da personagem notam-se as impressões do narrador em discurso indireto. Logo em seguida, destaca-se um discurso direto anunciado pela locução verbal “pôs-se a falar”, mas sem a presença do travessão ou das aspas no mesmo parágrafo. Severino acabara de apontar os problemas de sua classe e de sua época: a fome que assola o pobre, a comida cara. O professor, atento aos acontecimentos políticos e econômicos, após a fala do empregado, critica o progresso, lema da bandeira do Brasil: “ordem e progresso”, aliás, principal marca do positivismo cujo caráter conservador defende a moderna sociedade capitalista: “[...] falam em progresso, em prosperidade da nação enquanto isso, vão passando para mãos estrangeiras as nossas riquezas, os nossos bens [...]” (MORAES, 2003, p.103). Nessa primeira exposição do diálogo do professor com Severino, a tomada de posição crítica daquele em relação ao progresso pode ser explicada por meio da marca de tempo sugerida pela palavra “cruzeiros” (MORAES, 2003, p.103), isto é, o cruzeiro que se refere à moeda brasileira compreendida entre os anos de 1942 e 1967, sendo retomada de 1970 a 1986 – como Eneida falecera em 1971, os períodos posteriores em que o cruzeiro voltara a vigorar não nos interessam doravante – coincide com o período em que o governo buscava estabelecer uma moeda capaz de estabilizar as perdas dos cafeicultores brasileiros, cujo enriquecimento se dava pela exportação do café. Deste modo, é possível encontrar uma brecha para a leitura do discurso crítico de Nicolau, uma vez que o “progresso” e a “prosperidade da nação” não chegam até Severino que representa a oposição à classe dos

cafeicultores.

O protagonista Professor Nicolau é aparentemente mais um homem culto, político (no sentido de “entender” de política), burguês de mesmos hábitos, cercado de serviçais e morador de uma casa tradicional de alto padrão no bairro nobre de Copacabana no Rio de Janeiro. Entretanto, o professor não era “burguês nascido”, mas sim “burguês por merecimento”: tudo quanto tinha havia conquistado com seu esforço, com seu trabalho. Filho único de costureira com funcionário público, ainda jovem tornara-se órfão de pai. Sacrificara-se com sua mãe trabalhando dia e noite, noite e dia enquanto cursava direito vendo aquela pobre mulher não poupando esforços para manter-lhe limpo e com sapatos dignos. O apogeu do início de sua vida burguesa é marcado no conto quando passa de simples Nicolau suburbano a Dr. Nicolau dos Santos Araújo, com nome e sobrenome. Seu escritório expande gradativamente com o esforço de seu trabalho: do menor ao maior, sem pular etapas, até passar em um concurso para tornar-se professor universitário. A personagem Nicolau é ainda descrita em meio a comentários do narrador: “[...] daquele ambiente que criara em tantos anos de luta e de esforços [...]” (MORAES, 2003, p.104); “[...] trabalhando de noite, estudante de dia, estudante de noite e trabalhando de dia [...]” (MORAES, 2003, p.104); “Era preciso lutar e lutar muito [...]” (MORAES, 2003, p.105); “[...] não deixava de ficar noites e noites sem dormir, colado aos livros [...]” (MORAES, 2003, p.105); “[...] iam abrindo os olhos e a consciência para a análise da vida e a conquista da cultura.” (MORAES, 2003, p.105). Toda essa caracterização do professor utiliza palavras-chave como trabalho, luta, esforço e conquista o que concretiza no texto a relação político-social já existente entre sujeito burguês em meio ao pensamento liberalista, o qual tem como pai John Locke no século XVIII, de modo a estabelecer relação entre liberdade, propriedade privada e trabalho: “[...] Se Deus criou o mundo pelo seu trabalho, este mundo lhe pertence. Ora, o homem, criado à semelhança de Deus, também trabalha e, pelo trabalho, naturalmente conquista sua propriedade.” (LOCKE, 2006, p.210)

O leitor pode chegar a duas visões sutilmente indicadas entre o pensamento da direita capitalista e o pensamento da esquerda comunista-socialista. Se Nicolau conquistou tudo o que tem por meio do trabalho, logo temos um posicionamento positivo sobre o pensamento burguês que gira em torno do capitalismo; o próprio protagonista, entretanto, critica este

mesmo sistema ao ironizar o progresso, retomado no lema positivista.

Concretizadas e expostas às realizações pessoais (materiais) do professor Nicolau de sair do subúrbio e tirar sua mãe de lá, o que esperar desse (nem tão) típico burguês? Que casasse, tivesse filhos e perpetuasse seu lar burguês? Certamente, se esse fosse o caminho pelo qual nos levam narrativas que anseiam seguir os moldes pedagógicos do gênero *bildungsroman*, uma vertente do gênero romance, nascido no contexto alemão. O *bildungsroman* condiz diretamente com um período histórico da Alemanha cuja crença se volta para a aprendizagem do homem em sua trajetória individual de formação política, social e cultural guiado pela visão iluminista. Tal experiência é individual e exclusiva de cada ser em seu respectivo espaço e época; faz parte de uma formação pessoal que se inicia na juventude e visa à completude de um adulto. O modelo do *bildungsroman* é “*Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*”, do escritor alemão Goethe (1796). O termo corresponde à perspectiva de aprendizado, formação como já mencionado, e tem como finalidade a busca alemã do século XVIII em atribuir ao romance a “dignidade” que apenas a epopeia possuía. No texto de Compagnon (2003, p. 35), ao falar sobre a função da literatura remetendo-se à *katharsis* de Aristóteles, discorre sobre a visão moderna da função literária, apresentando aspectos e comentários sobre o romance de formação:

Essa é a mais corrente definição humanista de literatura, enquanto conhecimento especial, diferente do conhecimento filosófico ou científico. [...] Segundo a visão romântica, esse conhecimento diz respeito **sobretudo ao que é individual e singular**. [...] O **romance europeu em particular**, cuja glória coincidiu com a **expansão do capitalismo**, propõe, desde Cervantes, uma **aprendizagem do indivíduo burguês**. [...]. (COMPAGNON, 2003, p.35, grifos nossos)

Quando Compagnon fala em Europa, refere-se principalmente à Alemanha, em um período que se busca a conquista do espaço social burguês, isto é, a “proclamação” de uma classe que ainda não tinha reconhecimento, mas que por meio do *bildungsroman* na literatura o almejava alcançar. Portanto, a formação pessoal do indivíduo ainda jovem até tornar-se um adulto completo corresponde à formação do indivíduo burguês; da personagem literária burguesa. Ressalta-se aqui que a ideia é apenas identificar semelhanças do gênero com a

caracterização da personagem Nicolau de “Boa-noite, professor” em sua descrição inicial.

Todas essas características do *bildungsroman* fazem com que o termo seja específico da Alemanha em dada época, entretanto esse fato não impediu outros desdobramentos do termo. Santos Guedes (2009) em seu artigo “O romance de formação: um passeio pelos caminhos de Stephen Dedalus e Virgília” analisam as obras “Retrato do artista quando jovem” de James Joyce e “Ciranda de Pedra” de Lígia Fagundes Telles que, embora pertencentes a contextos completamente distintos, trazem protagonistas que carregam marcas de uma formação de vida de suas juventudes a sua maturidade. O desfecho desses dois romances de formação – assim aceitos pela crítica – mostra que a vida destes dois burgueses Stephen e Virgília pôde ser “liberta” do dogmatismo imposto em suas vidas, fossem pela família e pela religião como ocorrera a ambos, fossem pelos amigos como ocorrera com Virgília ou fosse pela sociedade de suas épocas. Através de suas formações individuais, seus conhecimentos de mundo, suas crenças, suas artes, suas próprias verdades os fizeram adultos completos e resolvidos, libertos dos paradigmas de sua juventude, segundo o artigo mencionado.

Não podemos utilizar os mesmo parâmetros modelares do *bildungsroman* que diz respeito a um romance para um conto e não é o propósito deste trabalho; é possível apenas ressaltar traços do professor Nicolau que se aproximam, inicialmente, às marcas dessa formação social enquanto jovem: Nicolau tinha tudo para dar errado, para não estudar e continuar sendo um simples suburbano, entretanto sua superação e evolução são apresentadas em uma vida de esforços que o guiam a uma completude adulta, traçada em um caminho individual, solitário e de um protagonista burguês, típico do romance de formação.

Em relação às características sociais do professor - burguês, bem-sucedido, morara sempre com a mãe - é que foi possível, em primeira instância equiparar sua formação com a das personagens burguesas do *bildungsroman*, pois trata da formação de uma nova classe burguesa no Brasil do século XX, mostrando a transição espacial subúrbio e Copacabana em uma personagem que traça um caminho individual de formação. Entretanto, essa primeira hipótese é revista quando se chega à metade da narrativa, quando começa a ser retomada a vida atual do professor e então se descobre que ele não constituía família, que não se casara, e então, começamos a encontrar indícios de subversão imagética do burguês: após sua

realização pessoal, encontraria o amor de sua vida, casar-se-ia e então perpetuaria seu legado, suas conquistas, assim como geralmente ocorre com as personagens burguesas. Não foi o que aconteceu com Nicolau que “costumava dizer que não casara por muito amor às mulheres em geral. Amava tanto, todas, que lhe parecia injusto casar com uma só.” (MORAES, 2003, p.106). sua mãe havia morrido há três anos, mas ainda assim decidiu não casar-se, por prezar sua liberdade, a qual não o impedia de visitar Maria Teresa.

Nicolau, ao contrário do bom burguês que prezaria perpetuar seu legado deixando aos seus filhos os bens que adquirira em vida (propriedade privada) para que por eles fossem preservados, não se importava em multiplicar ou modernizar suas conquistas: recebia diversas propostas para compra de seu imóvel; queriam destruí-lo para construírem mais arranha-céus por Copacabana, mas Nicolau não se importava: “[...] Uma velha tia, por parte de pai, e seus filhos que resolvessem depois de sua morte [...]” (MORAES, 2003, p.106)

Enquanto passagens de sua formação e de sua vida são expostas na narrativa, Nicolau realiza sua caminhada noturna pela praia de Copacabana como assim faz todas as noites. Diante de seus olhos é possível notar uma mudança de época: ele fala em anúncios luminosos sem nomeá-los, o que poderia nos remeter facilmente aos *outdoors*. Utiliza alguns estrangeirismos como a palavra *show* e, posteriormente a palavra *hall*: são os sinais de transformações espaciais e temporais. O narrador contrasta tais anúncios com os problemas sociais que assolam a mente do professor, ou seja, em meio àquela vida rodeada de luxo, de progresso capital, o professor ainda se preocupava com uma questão humana. Nicolau não se conformava com a visão de que Copacabana era só riqueza e refletia: “[...] Nunca vêem o lado bom de Copacabana; não sentem que aqui, como em outros bairros, para uns a vida é prazer, riqueza, para outros é luta, muita luta, miséria, sofrimentos [...]” (MORAES, 2003, p.109).

O professor toma o caminho de volta e, ao chegar a sua casa se depara com a porta aberta. Entra, senta-se calmamente em frente à escada e espera até que alguém desça e então atingimos o clímax da narrativa, momento em que a personagem descarrega sua visão política por meio da situação de roubo exposta. Nicolau é o único a ter discurso no encontro com o ladrão, ao questioná-lo ironicamente utiliza sua autoridade de professor (detentor do conhecimento) e dispara uma crítica social impregnada por teorias filosóficas e sociológicas:

Pensa que nasceu para ladrão, que nasceu para roubar? Tolice. Quem faz o ladrão é a sociedade em que vivemos, uma sociedade de exploração do homem pelo homem, de opressão, negando à maioria o direito de ser gente, não dando escolas a todos, não ajudando a criança pobre em nenhum sentido. O senhor sabia disso? (MORAES, 2003, p.111)

Diante da denúncia de Nicolau ao fato de o ladrão ser um “produto social”, isentando-o do fato de ser ladrão, mas estar ladrão é possível identificar marcas da teoria sociológica do fato social, fundamentada por Émile Durkheim e publicada em 1895. Para o teórico, o indivíduo é resultado de uma socialização feita por instituições sociais (escola, família, Estado e religião) que têm como fim ensinar regras e normas para a vida em sociedade. O que constitui um fato social segue necessariamente três características: a coerção social, ou seja, a “força que os fatos exercem sobre os indivíduos, levando-os a conformar-se às regras da sociedade em que vivem” (KURIYAMA, 2011, p.1); a exteriorização, isto é, os indivíduos não nascem com as regras sociais, eles as adquirem, pois são posteriores às suas existências e, por fim a generalidade, o que significa dizer que o fato não ocorre isoladamente, mas sim com todos ou a maioria dos indivíduos.

Portanto, para o professor o ladrão é uma vítima social e sua condição não está atrelada somente à sua escolha, mas envolve uma coletividade que o negligencia; a um Estado que não lhe dá condições para sair daquela situação, preocupando-se apenas com a “exploração do homem pelo homem” – indícios de um discurso marxista cujo caráter denuncia o modelo Capitalista que utiliza como exploração a mão de obra do trabalhador, proletariado. Estado que, por meio de sua outra instituição social a cadeia, deveria cumprir o papel de inserir o indivíduo novamente na sociedade. Aos olhos de Nicolau: “cadeia é a pior coisa do mundo.” (MORAES, 2003, p.111)

Nosso protagonista insiste em seu discurso humanista e propõe ao ladrão que o deixe ver aquilo o que por ele está sendo levado, de modo que por meio desta revista, começa a partilhar as coisas não por seu valor monetário, mas sim pelo seu grau de utilidade e de valor afetivo, incitando uma subversão de valores: o que vale mais é aquilo o que custa mais ou aquilo o que realmente tem utilidade ou importância afetiva? Pode ser novamente uma crítica aos moldes capitalistas sobre a supervalorização das coisas.

O narrador, ao descrever a situação em que se encontravam aqueles dois homens, também não deixa de mostrar suas reflexões, fazendo-as sutilmente quando contrasta a descrição do ladrão “o homem grande, forte, escuro, jovem” (MORAES, 2003, p.111) à do professor “aquele outro homem de cabeça branca, também forte” (MORAES, 2003, p.111), tomando, de certo um posicionamento entre juventude e falta de experiência. Descreve a cabeça branca (maturidade, velhice) associada ao conhecimento e atribui a ambos a força, possivelmente, em sentidos opostos: força física versus força intelectual. Ocorre a retomada do discurso marxista, quando, ao falar do homem de cabeça branca, relata que este trata o ladrão “de igual para igual.” (MORAES, 2003, p.111).

O professor percebe que está tarde e de modo gentil informa ao ladrão que o movimento da rua pode vir a aumentar, o que lhe poderia ser prejudicial, portanto, oferece uma mala para que a vizinhança não desconfie do roubo. Despede-se, refletindo sobre sua própria conduta e relatando-a ao rapaz: “custou-me muito e muito trabalho fazer esta casa com tudo o que ela tem” (MORAES, 2003, p.111), ressaltando o caráter do esforço e do trabalho. Mantém seu posicionamento em relação à ideia de liberdade por meio do trabalho, mas não como uma perspectiva capitalista ou liberalista, pois a maior parte de seu discurso se constitui esquerdista. A fala do protagonista busca uma perspectiva de valorização do trabalho e do esforço, não como simples fonte de acúmulo de bens, mas de dignidade humana. Nicolau ainda o incentiva a lutar contra essa situação, ofertando-lhe oportunidade – a qual deveria ser principalmente papel do Estado – de mudar, de não cair nas garras da polícia: “quando uma pessoa é presa como ladrão, a polícia se encarrega de fazê-lo ladrão a vida inteira” (MORAES, 2003, p.111), o que constitui uma nova crítica à instituição social.

O ladrão parte “como se não devesse nada a ninguém” (MORAES, 2003, p.112) e o professor lamenta: “Um jovem, um jovem. Que miséria.” (MORAES, 2003, p.112).

As considerações sobre o conto aqui apresentadas recebem novos significados quando se torna conhecida a biografia da autora, assim como ocorrera durante o período de elaboração deste artigo. Portanto, escolhemos apresentar ao final uma biografia simplificada da autora para que os aspectos do conto pudessem ser apreciados e, então, posteriormente vinculados à sua criadora.

Eneida nasceu em Belém do Pará, ainda muito jovem aos sete anos ganhara seu

primeiro concurso de contos. Já aos dezessete anos conseguiu - contra a vontade de seu pai - ingressar na carreira jornalística, isto porque frequentara os círculos intelectuais literários de sua época e de sua região. Eneida escrevera contos, poemas, mas sua vida foi nos jornais publicando crônicas epistolares e, enquanto militante, panfletos partidários.

Já casada e com dois filhos, na década de 1930, não consegue dar continuidade ao seu casamento, isto porque, Eneida está envolvida em movimentos feministas, lutando contra o papel de dona-de-casa e mãe do lar imposto às mulheres, e para conseguir dar um passo além em sua carreira, em sua participação política ativa, parte para o Rio Janeiro onde, ao se envolver com um grupo de intelectuais, começa seus primeiros estudos marxistas. Após dois anos residindo no Rio, consegue ingressar no Partido Comunista - área de poucas mulheres -, a partir de então abandona sua vida burguesa, desfazendo-se de seus pertences e lutando em prol de seus ideais socialistas. Eneida é presa diversas vezes por longos e curtos períodos, acusada de propaganda subversiva comunista. Em uma de suas prisões acaba tendo contato com Graciliano Ramos, escritor o qual a imortalizará em *Memórias do Cárcere* publicado em 1953.

3. Conclusão

Nicolau, embora aparentemente um herói burguês com traços de personagens do romance de formação, desenvolve sua trajetória no conto como uma personagem subversiva à classe burguesa, tratando o trabalho como forma de dignidade, assim como prega Marx e não de liberdade econômica como tratam os típicos burgueses liberalistas. Embora breve, a biografia de Eneida é capaz de nos trazer uma maior aproximação do conto “Boa-noite, professor” com as posições políticas e sociais da autora.

Referências

COMPAGNON, Antoine. A literatura. In: COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

FERREIRA, Eunice dos Santos. *Eneida de Moraes: Militância e memória*. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em-tese-2004-pdfs/11-Eunice-Ferreira-Santos.pdf>. Acesso em: out. 2012

KURIYAMA, Rafael Kenji. Émile Durkheim (1858-1917). In:____. *Apostila de sociologia 3ª série do ensino médio*. Londrina [s.n.], 2011

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002. 70 p.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1990. 95 p.

SANTOS, Debora Carla Guedes. *O romance de formação: um passeio pelos caminhos de Stephen Dedalus e Virgínia*. Disponível em: <http://www.ufpa.br/projetogepem/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1>. Acesso em: out. 2012.

LOCKE, John. “A democracia em questão”. In: Vários atores. *Filosofia*. 2ª ed. Curitiba: SEED-PR, 2006. 24 p.

MORAES, Eneida de. “Boa-noite, professor”. In: GUIDIN, Marcia Ligia; VIANNA, Lucia Helena. *Contos de escritoras brasileiras*. 1ª ed. São Paulo: Martins, 2003. 388 p.